LIBRARY OF PRINCETON
JUN 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian9521inst

Revista GREGORIANA

ANO IX
Julho - Agôsto
1962

52

D. TIMOTEO AMOROSO ANASTACIO O.S.B.

Pelas verdes estradas de Pentecostes. 2

D. MARCOS BARBOSA O.S.B.

O Concílio Ecumênico 5

*
* *

A propósito do "Stabat Mater" 25

A Constituição Apostólica "Veterum Sapientia" de S. S. o Papa João XXIII 29

*
* *

Vida do Instituto Pio X 38

Livros em Revista 43

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes)

Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant

Sagrada Escritura — Canto Gregoriano — Liturgia — Espiritualidade. Método Ward.

ÓRGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.

Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 — BOTAFOGO — TEL. 26-1822

* — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc...) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO: Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, Rio de Joneiro.

* — ASSINATURA ANUAL, (Janeiro a Janeiro) — Tiragem bimestral — Para o Brasil: Cr$ 200,00 — Para o Estrangeiro Cr$ 300,00 — Número avulso: Cr$ 30,00 — Via aérea Cr$ 380,00 para o Brasil — Mudança de endereço — Cr$ 10,00.

* — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

* — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (É grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio.

* — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular — Cr$ 400,00 por ano;
Sócio Protetor — Cr$ 500,00 por ano;
Sócio Fundador — Cr$ 1.000,00 por ano;
Sócio Benfeitor — Cr$ 2.000,00 por ano... ou mais

* — Assim também a Revista "PERGUNTE E RESPONDEREMOS". Assinatura: Cr$ 300,00. Via aérea Cr$ 500,00 — Para o Estrangeiro: Cr$ 400,00 — Número avulso: Cr$ 30,00 (atrazado: Cr$ 35,00) — Mesmo endereço acima.

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO

O ANO LITÚRGICO

tem a finalidade de fazer reviver os principais momentos da nossa redenção realizada por Cristo com sua ENCARNAÇÃO, PAIXÃO, MORTE e RESSURREIÇÃO. A festa dos Santos e particularmente de Nossa Senhora se inserem no cíclo litúrgico como frutos produzidos pela REDENÇÃO e como convites para a imitação.

"Neste **TEMPO DEPOIS DE PENTECOSTES**, tudo que foi por nós revivido, em mistério litúrgico, dos grandes atos da salvação, nós o retomamos e aplicamos, não mais na explosão espetacular do seu impacto solene, mas num outro nível de profundidade, lá onde a semente do Cristo está sempre a morrer e a reviver no mistério pascal de nosso batismo". (PELAS VERDES ESTRADAS...)

Pelas Verdes Estradas de Pentecostes

"No verde vale onde desce cada dia a fonte da montanha"... É mais ou menos assim que fala Hoelderlin, numa ode à esperança. A Liturgia também nos fala de Esperança. Mas ela não se limita a uma evocação melancólica. Ela nos faz *viver* a Esperança. E não e de uma esperança estática que ela nos faz viver. Seu privilégio único é de pôr-nos em marcha nos seus verdes caminhos — e isto é, precisamente, o "tempo" depois de Pentecostes", não um simples acontecimento. É nesse tempo que mais uma vez a Igreja avança presentemente.

O período que se segue a Pentecostes é o mais longo do ano sagrado. É uma evolução quase uniforme, apenas quebrada pelas festas trinitárias e cristológicas do seu início e, em Agosto tórrido, a passagem cintilante da Assunção de Maria, mas tudo num movimento irreversível até à grandiosa visão final do Último Domingo, anunciadora do termo dos tempos e da esplêndida Parusia do Senhor. Sob o verde tapete quase monótono, há, pois, como uma riqueza de prometedoras terras semeadas. É hora, portanto, de recolhimento meditativo e, mais ainda, de participação efetiva no conteúdo total do mistério redentor, que culmina na Páscoa e nessa sua explosão cósmica de Pentecostes, o Dom do Espírito.

O triunfo pascoal de Cristo é uma inauguração. Se nêle termina, com efeito, o "destino" mortal do Cristo na sua voluntária submis-

são aos "processos" deste mundo, começam todavia, aí, os destinos Igreja. A Encarnação redentora resolve-se, afinal, numa expansão admirável no tempo e no espaço, que a Escritura e com ela a Liturgia anunciam como algo duma invasão do Espírito, ambicioso de "encher o universo". É o Reino de Deus a implantar-se neste mundo, e solicitando em surdina o nosso consentimento e fidelidade. De domingo a domingo, em sucessão dinâmica, a Igreja nos abre o livro da Palavra e nos faz assentar à mesa do banquete do Reino, para daí nos enviar em missão pelas estradas do mundo e os estados do homem.

O Messias ressuscitado, que é Rei, Profeta e Sacerdote, nos forma em sua realeza, nos imprime o seu profetismo e nos associa ao seu sacerdócio. Somos, poristo, a fôrça real da História, que é realização do desígnio misterioso de Deus. Nossa profecia é o testemunho de que o Senhor santifica o homem decaído e restitui-lhe a realeza perdida. Neste tempo depois de Pentecostes, tudo o que foi por nós revivido, em mistério litúrgico, dos grandes atos da salvação, nós o retomamos e aplicamos, não mais na explosão espetacular do seu impacto solene, mas num outro nível de profundidade, lá onde a semente do Cristo está sempre a morrer e a reviver no mistério pascoal do nosso batismo.

Eis, pois, o tempo da Igreja formada, da alma renascida, do homem renovado. Nêle tomamos consciência adulta das formidáveis exigências do que somos. Nêle "nos tornamos aquilo que já somos", através do que Péguy chamou o "aprofundamento das fidelidades".

O tema da viagem do caminho, é por isto, uma evocação espontânea do sentido que tem êste período na vida da Igreja. Êle exprime bem a esperança viva duma plenitude que amadurece ao calor do Espírito, tanto para a comunidade, como para cada pessoa ungida pelo dom de Deus. O caminho é uma rota no deserto, com tôdas as suas perplexidades e incertezas; é um caminho de conversão contínua, com todos os aflitivos arrancamentos que isto significa. Mas é uma viagem iluminada, com o Cristo à frente. Não um bêco sem saída, nem uma ilusória deslocação de horizontes sucessivos. Mas um crescimento interior e uma efusão visível, em que Deus evangeliza simultâneamente o mistério de cada pessoa e as estruturas que constituem o seu quadro natural e sobrenatural. Tempo, assim, de encarnar a realidade total da Páscoa na complexidade desconcertante da vida cotidiana, em todos os seus escalões e possibilidades indefinidas. É, poristo, o tempo do labor e da fidelidade paciente, algo muitas vêzes monótono e "inglório", mas penetrado pela fôrça transfiguradora da Páscoa. Tempo da Palavra, da Missa e sacramentos, da Comunidade eclesial, que formam a tríplice estrutura da vida misteriosa do cristão, corriqueira ao mesmo tempo que vertiginosa em sua densidade inefável.

No ano que estamos, êsse tempo será visitado por uma presença tôda especial do Espírito. É o tempo do Concílio Ecumênico, que virá não apenas para pronunciar-se sôbre os êrros do mundo, mas para que a Comunidade santa tome nessa altura da história uma consciência madura e adulta de si mesma e possa com segurança enfrentar os sinais violentos que marcam a Volta do Espaço.

Êsse tempo nos ensina a totalizar na vida de cada um a imagem perfeita do homem, conforme uma visão bíblica da criatura: feito, sem dúvida para dominar o universo; feito para conviver na base do amor e da fraternidade com todos os seus semelhantes, seja na escala de indivíduo a indivíduo, seja na de coletividade a coletividade. Mas feito, sobretudo, para adorar o seu Criador. Uma das orações do último domingo de Pentecostes pede que nos seja dado passar da complacência com as coisas do mundo ao desejo das coisas celestes. É uma passagem, uma Páscoa, um trânsito permanente, através dessas verdes estradas de Pentecostes. É uma viagem que se, de um lado, nos impõe o respeito de todos os valores temporais do homem, exige, porém, uma fidelidade ardente, um desejo implacável, daquela Realidade pressentida que da sua montanha faz jorrar até ao vale verdejante dos homens as águas frescas da sua fonte aberta.

CONCÍLIO ECUMÊNICO

(Êste jôgo cênico, simples adaptação de um número da revista "Fêtes et Saisons", será lido ao microfone por um ou mais narradores, enquanto os figurantes, rapazes ou moças, farão os movimentos indicados, intervindo o povo todo para as orações e cânticos". (*)

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de dois anos, mal havia subido ao trono de S. Pedro, o Papa João XXIII surpreendia o mundo anunciando um concílio ecumênico, que terá início dentro de poucos mêses, no dia 11 de outubro.

(*) Os títulos, colocados para maior clareza, não devem ser lidos.

Sem dúvida já ouvíramos falar de concílios; mas tinhamos a idéia de algo velho e ultrapassado, um pouco como as Cruzadas...

E eis, de repente, que nós, homens do século XX, que vivemos no tempo da energia atômica e das máquinas de calcular, vamos ser contemporâneos de um concílio.

Os jornais, o rádio, a televisão, já se ocuparam e vão se ocupar cada vez mais do assunto. Mas suas informações nem sempre são exatas e completas, detendo-se mais no exterior e no pitoresco dos fatos.

Por isso, reunidos nesta assembléia, e correspondendo ao apêlo do Papa que nos quer informados, perguntemo-nos agora: "O que vem a ser um concílio? Por que um concílio?"

Para melhor compreendermos o que seja um concílio, voltemos ao tempo de Pedro, e vejamos, caros irmãos, os primeiros dias da Igreja.

OS PRIMEIROS DIAS DA IGREJA

(Entram doze pescadores, com suas túnicas e mantos, trazendo uma grande rêde aberta. Param a certa altura e curvam-se sôbre a mesma, como se a estivessem lavando ou consertando. Música, se possível, lhes acompanha a entrada).

Naquele tempo, quando os pescadores da Galiléia lavavam as rêdes na praia, uma voz, como jamais fôra ouvida na terra os chamou:

(Aqui, como em outros lugares de composição semelhante, podem intervir outras vozes).

— Vinde após mim. Eu farei de vós, pescadores que sois, pescadores de homens.

(Os doze se erguem e ficam atentos, ouvindo...)

Ide por tôda a terra e fazei de todos meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e fazendo com que guardem os mandamentos. Eu estarei convosco até o fim dos tempos...

(Os doze se ajoelham, mãos cruzadas no peito. Após uma pausa em que se pode ouvir alguns dos cânticos de Pentecostes, levantam-se de novo e partem dois a dois, como em solene procissão, à conquista do mundo).

E assim, depois de terem recebido o Espírito Santo, que Jesus lhes mandara ao chegar junto ao Pai, partiram a pregar por tôda a Judeia. Matias, que haviam escolhido, ocupava o lugar de Judas.

Mas o Senhor quis juntar aos doze mais um apóstolo, dando-lhe uma tarefa própria. E vai ao encontro de Saulo, que não o conhecera quando estivera na terra, e que se dirige à cidade de Damasco para prender seus discípulos.

— Saulo, Saulo, por que me persegues?
— Quem és tu, que assim me prostras por terra?
— Eu sou êsse Jesus que tu persegues, perseguindo os que na terra me seguem.
— Que queres que eu faça, Senhor?
— Eu farei de ti o apóstolo das nações. Tu deverás levar o meu Evangelho a todos os povos do mundo. Aquêles que [illegible] sés e os Profetas, e que vivem nas trevas do êrro e da morte...

Saulo se levanta, recebe o batismo, e será de ora em diante o grande Paulo, pregador da boa-nova entre todos os povos.

Surge então uma dificuldade na Igreja que começa a crescer. Deverão os que abraçarem o Evangelho observar tôda a lei de Moisés, ou basta-lhes seguir apenas a do Cristo?

Para decifrá-lo, Pedro, como chefe, chama a Jerusalém os bispos de então. Era o ano 49.

(Os doze vão entrando um após o outro).

Eis os apóstolos que chegam. Pedro, o chefe de todos, João, o discípulo que Jesus mais amava. Tiago, irmão de João. E André, Tomé, Tiago e Felipe. Bartolomeu, Mateus, Simão e Tadeu. E Matias, que ocupa o lugar de Judas.

(Entra Paulo após pequeno intervalo).

E finalmente Paulo, o décimo terceiro apóstolo, chamado pelo Cristo quando perseguia os cristãos.

(Os doze fazem solenemente o sinal da cruz e sentam-se nos banquinhos colocados em semi-círculo no chão ou num estrado. Saulo permanece de pé um instante, voltado para êles, como se estivesse falando, e senta-se em seguida).

Após terem ouvido o relato da missão de Paulo, Pedro toma a palavra.

(Pedro se levanta e permanece voltado para os outros, a quem parece dirigir-se).

Pedro declara que vira o Espírito Santo descer em forma de línguas de fogo também sôbre aquêles que não eram judeus. Não devia mais haver distinção entre os judeus e os outros povos. Todos eram igualmente chamados à salvação.

(Pedro volta a sentar-se e Tiago faz menção de escrever, com uma longa pena, num rôlo de pergaminho).

E redigem uma carta a todas as comunidades cristãs:

— O Espírito Santo e nós... decidimos não impor aos que abraçarem a fé a lei de Moisés, mas apenas a do Cristo.

Mas, ao lado desse princípio doutrinário e portanto imutável: a igualdade das nações perante o Evangelho, uma determinação de ordem prática, inspirada em circunstâncias do momento e sujeita a revisão:

— Apenas recomendamos aos fiéis de outras nações que se abstenham, nas reuniões em comum, dos alimentos que repugnam ao povo judeu.

(Tiago levanta-se, faz como se lesse a carta para todos, enrola de novo o pergaminho, e o entrega a Paulo. Todos se levantam e partem de novo, em grupos de três ou quatro, em mais de uma direção, se houver mais pontos de saída).

E os apóstolos voltam aos seus trabalhos com normas bem definidas.

Bispos de tôda a terra, reunidos para estabelecerem a doutrina e os costumes da Igreja, eis o *conselho* ou *concílio* de Jerusalém, modêlo de todos que haviam de vir.

Mas daí em diante, se alguns bispos se reuniam às vezes em pequenos conselhos, já não mais puderam realizar um concílio *ecumênico,* isto é,de todo o mundo. Pois a Igreja era perseguida por tôda parte, os cristãos deviam esconder-se para o culto, e muitos, quando denunciados, morriam, se não adorassem os ídolos...

A PAZ DA IGREJA

No século IV porém, no ano 313, o próprio imperador de Roma, Constantino, se converte ao cristianismo e decreta a paz para a Igreja.

A Igreja pode agora apresentar-se à luz do dia...

(Entram, ao som de sinos ou música, os que vão representar a Igreja, formando uma cruz latina no campo (ou um retângulo num palco). Virão, de preferência, todos de branco).

E comunidades da Ásia, da África e da Europa, com suas línguas, raças e trajes diversos, vivem irmanadas pelo Cristo e fiéis ao papa. Pois se entendem tôdas na mesma língua da caridade e da fé, e vestem tôdas a branca veste do batismo.

OS CONCÍLIOS DO ORIENTE

Os bispos de todo o mundo já podem agora reunir-se E é o próprio imperador Constantino que convoca *o primeiro concílio ecumênico*. Terá lugar em Nicéia, cidade da Ásia-Menor, ponto de convergência da Europa, da Ásia e da África.

(Entra o portador da faixa I NICÉIA-325, aberta entre os braços erguidos acima da cabeça, que só descerão à altura do peito quando entrar o seguinte. Todos os outros dezenove procederão do mesmo modo, formando um circulo ou semi-círculo em torno da cruz ou retângulo da Igreja. As faixas poderão ser de pano, 1m. x 0,22 — escritas de ambos os lados).

318 bispos acorrem à Nicéia, vindos do Egito, da Palestina, da França, da Pérsia. O papa Silvestre, demasiado idoso para viagem tão longa, faz-se representar por dois padres, pois não se pode conceber um concílio sem a presença de Pedro.

Reza uma crônica de então:

> "Era uma grande mistura de sotaques e até mesmo de línguas diferentes, o que fazia sobressair ainda mais a comunhão de sentimentos. Dir-se-ia um novo Pentecostes. Tôdas as nações, até então dispersas, se reuniam após três séculos, orgulhosas das provações que haviam sofrido pela fé, e dos inúmeros filhos que haviam dado à luz para o Cristo".

Muitos traziam ainda, em seus membros, sinais de recente martírio.

Em menos de um mês, demonstrando a unidade da fé e a união dos bispos, vinte decisões eram tomadas.

A primeira, de caráter doutrinal, respondia à heresia ariana, que se difundia terrivelmente, e que negava que Jesus fosse Deus.

Outras, de ordem prática, determinavam:

que se esperasse o domingo após a lua cheia da primavera para celebrar a Páscoa,
que seriam necessários três bispos para sagrar um novo bispo,
que se reunissem periòdicamente concílios regionais, que completassem a tarefa do concílio ecumênico.

Um mês havia bastado. O Espírito Santo os assistia. Conta-se que, quando os bispos estavam sentados, havia 318; mas, quando se levantavam para votar, eram 319. Julgou-se então que o bispo misterioso, que aparecia de repente e ninguém identificava, fosse o próprio Espírito Santo, querendo mostrar de modo evidente a sua assistência. Os bispos podiam dizer, como os apóstolos outrora:

"O Espírito Santo e nós, decidimos..."

Dando a vossa adesão ao primeiro concílio ecumênico, repeti, caros irmãos, as suas várias proclamações da divindade de Jesus, que encontramos tôdas no Credo da missa:

(Espera-se aqui e em momentos semelhantes, que o povo, apoiado em parte da assistência já devidamente ensaiada, repita cada uma das sentenças).

Creio num só Senhor, Jesus Cristo,
Filho único de Deus,
gerado pelo Pai antes de todo o tempo!
Deus vindo de Deus,
luz brotada da luz,
Deus verdadeiro, do Deus verdadeiro!
O qual, por amor dos homens se fez homem,
e, para nos salvar, desceu do céu...

A Ásia-Menor aquela região em que a Europa e a Ásia parecem dar-se as mãos, será por muito tempo a pâtria dos concílios.

(Entra o portador da faixa I CONSTANTINOPLA-381).

O *segundo concílio ecumênico* realiza-se em Constantinopla, apenas separada da Ásia-Menor por um pequeno estreito.

Ainda no mesmo século que o de Nicéia, vem afirmar, contra nova heresia, a divindade do Espírito Santo.

Dando a vossa adesão ao concílio de Constantinopla, repeti, caros irmãos, uma a uma, as proclamações do Credo:

Creio no Espírito Santo,
que é Senhor e fonte de vida,
que vem do Pai e do Filho!
O qual, com o Pai e com o Filho,
receba a mesma adoração
e a mesma glória...

Alguns herejes, como acabamos de ver, haviam negado que o Cristo e o Espírito Santo fossem Deus como o Pai, um só Deus com o Pai. Agora, voltam-se contra Maria:

— Poderá Maria ser chamada realmente "Mãe de Deus"?
— Ora, se Jesus é o próprio Filho de Deus que se fez homem, como não poderemos chamar mãe de Deus à mãe de Jesus?

(Entra o portador da faixa I ÉFESO-431).

É o que proclama o *terceiro concílio ecumênico*, reunido na cidade de Éfeso no ano 431, e onde se destaca a atuação de S. Cirilo de Alexandria.

Dando a vossa adesão ao Concílio de Éfeso, saudemos à Virgem com o título que lhe foi solenemente confirmado. Repeti, portanto, caros irmãos:

Santa Maria, mãe de Deus,
rogai por nós, pecadores,
agora
e na hora de nossa morte!

Vinte anos apenas após o de Éfeso, um novo concílio, o *quarto concílio ecumênico,* se reune em Calcedônia, bem em face de Constantinopla.

(Entra o portador da faixa CALCEDÔNIA-451).

Pois querendo acentuar a divindade do Cristo, alguns diziam:

— Maria é mãe de Deus,
Jesus era Deus.
Mas... teria sido realmente homem?

500 bispos acorrem, mas poucos do Ocidente. O Papa S. Leão Magno não pode ausentar-se de Roma, ameaçada pelos bárbaros. Mas envia cinco representantes com a mensagem que vai inspirar a decisão do concílio.

Na única pessoa de Jesus-Cristo,
duas naturezas estão unidas:
a divina e a humana,
sem separação ou mistura.
E os bispos mandam dizer ao papa:
"Tu foste para nós o intérprete da voz de S. Pedro.
Éramos 500 bispos que tu guiavas como a cabeça aos membros!"

Dando vossa adesão ao concílio de Calcedônia, repeti comigo, caros irmãos:

— O criador do gênero humano
dignou-se tomar um corpo e uma alma
e nascer da Virgem.
Sem ser gerado por um homem,
tornou-se homem,
e nos deu parte em sua divindade.

Quatro grandes concílios se haviam realizado.

O de Nicéia proclamara:

Jesus Cristo é Deus.

O de Constantinopla proclamara:

O Espírito Santo é Deus.

O de Éfeso proclamara:

Maria é mãe de Deus.

O de Calcedônia proclamara:

Jesus é Deus e homem.

Quatro verdades fundamentais haviam sido proclamadas em pouco mais de um século.

O PRIMEIRO CISMA

E eis que então um fato doloroso ocorre: a primeira ruptura na túnica inconsutil da Igreja do Cristo.

(Os que formam a haste superior da cruz latina afastam-se da mesma, que assume a forma de T, e vão colocar-se a certa distância, na mesma direção. — No caso da formação em retângulo, destaca-se a primeira fila e fai formar um grupo à esquerda).

Cristãos

do Egito,
da Etiópia,
da Síria,
da Armênia
e da Pérsia

por meros motivos de rivalidade política e religiosa ou equívocos de informação,

separam-se da Igreja católica ou universal, cuja cabeça é o papa!

(Pausa)

Passamos a assistir, agora, a um concílio por século.

(Entram, quase ao mesmo tempo, os portadores das faixas II CONSTANTINOPLA-553 e III CONSTANTINOPLA-680).

O quinto e o sexto reunem-se em Constantinopla, cidade cujo prestígio tanto contribuira para a ruptura anterior...

Ambos reafirmam apenas o que os quatro grandes concílios haviam definido.

(Entra o portador da faixa II NICÉIA-787).

No século seguinte, *o sétimo concílio,* reunido de novo em Nicéia, trata de uma controvérsia que apaixonava a todos.

— Poderão os cristão venerar, nas suas casas e templos, as imagens do Cristo, da Virgem e dos Santos?
— Não estava proibida, desde o Antigo Testamento, a representação da divindade?

— Ora, se Deus se incarnou, se Maria e os Santos tiveram um corpo como o nosso, podemos venerar as imagens que nos recordam as suas pessoas, tal o retrato de um amigo.

O SEGUNDO CISMA

Mais um século, mais um concílio. *O oitavo ecumênico* e o quarto em Constantinopla.

(Entra o portador da faixa IV CONSTANTINOPLA-869).

Tinha por fim tratar de um caso particular e pessoal:

verificar a eleição do patriarca daquela sede, que é então destituído...

E a Igreja de Constantinopla,

que era chamada "a ortodoxa", isto é, "conforme à verdade", por sua fidelidade aos concílios e por ter sustentado no Oriente o culto das imagens,
nega-se a reconhecer o novo concílio que lhe destitui o patriarca,
e separa-se da Igreja católica, levando consigo a Ásia-Menor e a Rússia, que começava a converter-se...

(Os que formam o braço esquerdo da cruz afastam-se na mesma direção, mais para a esquerda. — No caso da formação em retângulo, destaca-se outra fila e vai formar um grupo à direita).

Mas conservando no coração a nostalgia da unidade, ela gostará de intitular-se:

"A Igreja dos sete concílios".

OS CONCÍLIOS DO OCIDENTE

Daí em diante, perdido o Oriente, os concílios se transferem para Roma,

e quatro se realizam, em menos de um século, na igreja de São João de Latrão.

(Entra o portador da faixa I LATRÃO-1123).

O primeiro dêles, *nono ecumênico* e primeiro de Latrão, não podendo suprimir completamente a guerra, decreta a "trégua de Deus"

todo combate deve cessar de quarta-feira à tarde e segunda de manhã,
e desde o primeiro domingo do Advento à oitava da Epifania,
e do primeiro domingo da Quaresma à oitava da Páscoa.

(Entra o portador da faixa II LATRÃO-1139).

O segundo de Latrão, *décimo ecumênico,* insiste no seguinte:

os reis não devem interferir na escolha dos papas, bispos ou párocos;
não se pode comprar a admissão ao sacerdócio ou à vida religiosa;
a distribuição dos sacramentos deve continuar gratuita:

(Entra o portador da faixa III LATRÃO-1179).

O terceiro de Latrão, *décimo primeiro ecumênico,* determina"

só os cardeais elegerão o papa, que deverá reunir dois terços dos votos;
cada arcebispado deverá possuir a sua escola de teologia;
abram-se por tôdas as dioceses escolas para as crianças pobres.

(Entra o portador da faixa IV LATRÃO-1215).

O quarto de Latrão, *décimo segundo ecumênico,* declara:

que os fiéis devem confessar e comungar pela Páscoa;
que não só os religiosos, mas também os casais devem aspirar à perfeição;
que é melhor haver poucos, mas bons sacerdotes.

OS CONCÍLIOS PEREGRINOS

Os seis concílios, que veremos agora, reunem-se, por dois séculos, em várias cidades da Europa, mostrando que o papa, no conturbado ambiente político de então, já não se encontra tão seguro em Roma.

(Entram, quase ao mesmo tempo, os portadores das faixas I LYON-1245 e LYON-1274).

Pouco após o primeiro concílio de Lyon, na Farnça, que condena certas heresias da época, um segundo, na mesma cidade, ocupa-se especialmente com a união das igrejas:

uma delegação do Oriente comparece ao concílio;
o papa Gregório X dá o ósculo da paz ao patriarca de Constantinopla, que a preside;
o Credo é cantado em latim e grego na festa de S. Pedro e S. Paulo.

Mas a separação recomeça sete anos depois...

(Entra o portador da faixa VIENA-1311).

O concílio de Viena, também na França, *décimo quinto ecumênico,*

cuida das ordens mendicantes, que surgiam na Igreja, ao lado dos antigos monges;
declara que as almas, por mais perfeitas que sejam, devem também obediência às autoridades eclesiásticas;
afirma que a usura é um pecado.

(Entra o portador da faixa CONSTANÇA-1414).

O concílio de Constança, *décimo sexto ecumênico,*
reconhece o verdadeiro papa entre os três que se pretendiam eleitos;
condena a afirmação de ser indispensável, para os fiéis, a comunhão sob as duas espécie.

(Entra o portador da faixa BAS. FERR. FLOR.-1430).

O *décimo sétimo concílio* ecumênico, começado em Basiléia, transfere-se sete anos depois para Ferrara, de onde a peste o afugenta no ano seguinte, indo prolongar-se em Florença por mais sete anos.

Êste concílio é assinalado, na sua breve passagem por Ferrara, por um espetáculo comovente:

latinos e orientais, após a longa separação, reunidos na mesma catedral;

aquêles do lado do Evangelho, estes do lado da Epístola.
Um tratado de união é assinado quatro meses mais tarde.

Mas o clero e o povo gregos não estavam preparados... E antes mesmo da tomada de Constantinopla pelos turcos, a separação recomeçara.

Ficara, porém, provado que um entendimento era possível; e certos grupos, como os Maronitas, permanecem fiéis à união.

(Entra o portador da faixa V LATRÃO-1512).

TERCEIRO CISMA

O *décimo oitavo concílio ecumênico* reune-se de novo em Roma, na catedral de Latrão, que já vira quatro concílios.

Os quatro antigos concílios de Latrão e os cinco que vieram depois, a peregrinar pelas cidades da Europa, haviam insistido numa reforma da Igreja,

"tanto na cabeça quanto nos membros",
pois houve papas e bispos levando vida faustosa,
enquanto um clero ignorante e pobre via o povo descambar para o formalismo religioso.

O quinto concílio de Latrão tenta ainda um esfôrço com seus decretos disciplinares...

Mas, seis meses depois, um monge alemão, Martinho Lutero, lança o seu "protesto":

inicia uma reforma na Igreja, fóra da Igreja e contra a Igreja,
incita os príncipes a organizarem igrejas nacionais,
e é seguido por Zwinglio e Calvino na Suíça, pelos Huguenotes na França, por Henrique VIII, na Inglaterra.

(Os que formam o braço direito da cruz afastam-se na mesma direção mais para a direita. — No caso da formação

em retângulo, destaca-se outra fila e vem formar um grupo mais à frente).

Nova separação...

A cruz está partida, a túnca inconsútil dividida, o rebanho disperso...
Lutas e perseguições recíprocas, noite de S. Bartolomeu, Maria Stuart...
Oh! como fôra bom e suave habitarem juntos os irmãos!

O CONCÍLIO DA REFORMA

(Entra o portador da faixa TRENTO-1545).

O *décimo nono concílio ecumênico* vai terminar dezoito anos após, já não contando na sessão de enceramento os mesmos bispos da abertura.

Reune-se em Treito, a meio caminho de Roma e da Alemanha, onde tivera início o novo cisma.

Gigantesca é a tarefa que se propõe:

reafirmar a fé tradicional contra os reformadores, que só aceitam a Sagrada Escritura;
reprimir os abusos que os haviam levado à revolta.

Nenhum concílio definira tantas questões:

a Bíblia não é a única fonte da fé, e só a Igreja é capaz de interpretá-la;
os sacramentos são sete, são sinais visíveis da graça, e foram instituidos pelo Cristo;
a Eucaristia contém realmente o corpo e o sangue de Jesus.

Nenhum concílio estabelecera tantas leis:

os bispos, muitos dos quais levavam vida faustosa e dissipada deverão morar na diocese e visitar as paróquias;
o clero, na sua maioria ignorante e despreparado, terá sua formação garantida pela criação de seminários;
o povo, abandonado e perplexo, será instruido pela pregação e o catecismo.

Três séculos se passam sem um novo concílio.

D. MARCOS BARBOSA O. S. B.

O ÚLTIMO CONCÍLIO

(Entra o portador da faixa I VATICANO-1869).

Até que o *vigêsimo concílio ecumênico,* o último de todos, reune-se há quase um século, no próprio Vaticano:

pela primeira vez comparecem bispos do Novo-Mundo: 49 da América do Norte e 30 da América do Sul;
pela primeira vez comparecem bispos missionários, vindos da Oceania, da China, das Índias, do Japão e da África Negra, que mal começava a despertar;
pela primeira vez, graças à maior facilidade de comunicações, reune-se quase que a totalidade dos bispos (762 de 30 nações diferentes) e os reis e chefes de govêrno não são convidados a assistir.

O mundo mudara muito depois do concílio de Trento:

a máquina manobrada pelo egoismo, longe de libertar o homem, engendrara um cortejo de misérios, e o Partido Comunista, inspirado em Marx, lança o seu manifesto;
os filósofos atacam a Igreja, os jornais divulgam fàcilmente as novas idéias, o homem se julga capaz de resolver todos os problemas e mistérios:
um furacão anti-religioso varre o mundo.

E Pio IX convoca o concílio para decidir o que convém fazer

"pela integridade da fé e o esplendor do culto,
pela salvação eterna dos homens.
pela paz universal".

As igrejas separadas são convidadas a comparecer, mas o apêlo, por falta de preparação, não encontra o éco desejado...

Depois de definir que não pode haver oposição entre a razão e a fé,
o concílio define ainda a infalibilidade do papa em questões de fé e moral,
de modo a não se poder alegar contra êle como outrora se pretendera, a autoridade de um concílio que não convoque e não aprove.

Em boa hora fôra proclamada a infalibilidade do papa. Pois no dia seguinte, 17 de junho de 1870, o concílio era interrompido pela guerra entre a França e a Prússia.
Ainda que os bispos não se pudessem reunir tão cedo,
a Igreja estaria tranquila:
Pedro continua a falar pela bôca do papa!

O PRÓXIMO CONCÍLIO

Mas, se o papa sòzinho é infalível, jamais errando em matéria de fé e costumes, porque então convocar todos os bispos para deliberaram com êle?

— Se o papa é infalível ao deliberar, não pode conhecer todos os problemas de tôdas as dioceses do mundo, se não fôr informado pelos bispos que conhecem de perto, como pastores, cada porção do rebanho.
— Se o papa é infalível sòzinho, maior será a assistência do Espírito Santo, se todos os bispos estiverem reunidos, como no dia de Pentecostes.
— Se onde está Pedro está a Igreja, o mundo será mais sensível à unidade e à universalidade da fé, contemplando todos os pastores, num só coração e uma só alma, em tôrno do pastor supremo.

Por isso João XXIII, êsse papa extraordinário,

visando conhecer melhor os problemas atuais e como solucioná-los,
convoca um novo concílio para 11 de outubro, festa da Maternidade de Maria,
a reunir-se no mesmo local em que o último, há noventa anos, era bruscamente interrompido.

Assim o vigésimo primeiro concílio ecumênico e segundo do Vaticano

vem mostrar aos homens do século XX
que o concílio não é algo de ultrapassado, como as Cruzadas ou a Inquisição,
mas a bela expressão da vida e do entusiasmo da Igreja!

Se cada concílio sugere *o* dia de Pentecostes,

nenhum mais do que êste,
cuja idéia brotou, segundo a declaração do próprio papa ao convocá-lo,
"como a flôr espontânea de uma inesperada primavera..."

Primavera, Pentecostes, duas palavras paralelas...

Graças à moderna facilidade de comunicações, 1.600 bispos acorrerão, de todos os países, ao chamado do papa, como prometeram solenemente no dia da sagração,
exceto os que ficarem retidos pelas cortinas de ferro ou de bambú da Rússia e da China Vermelha (e, quem sabe?, de Cuba),
mas cuja ausência e silêncio serão terrìvelmente eloquentes apontando, aos olhos do mundo, os opressores da liberdade.

Jamais concílio algum provocou tanto interesse, mesmo fóra da Igreja, nem foi, como êste, tão cuidadosamente preparado:

Quinze grandes volumes reunem, já impressas e traduzidas em latim, as 8.972 queixas, sugestões e propostas daqueles a quem o papa consultou logo de início: bispos, superiores religiosos, universidades católicas de todo o mundo.
Ali estão todos os nossos problemas de cristãos do século XX, em relação ao apostolado, à vida interior e à liturgia, à vida familiar ou profissional.
Assim o concílio irá provàvelmente deliberar se teremos maior uso das nossas línguas no culto litúrgico, se teremos de novo diáconos (casados ou não) como auxiliares normais dos sacerdotes; como nos dará também um resumo do pensamento da Igreja ante os êrros modernos.

O concílíio é nosso.

— Se o concílio é nosso, no sentido de que vai tratar dos nossos problemas,
— se o concílio é nosso, no sentido de que lá estaremos, de certo modo, representados pelo nosso bispo,
como não nos interessarmos por êle?

O concílio é a voz de Deus.

— Se o concílio é o Espírito Santo falando pelos bispos,
por todos os bispos em tôrno do papa,
como não esperarmos sua realização como um dom de Deus?

Por isso o Papa João XXIII nos convida a vivermos agora em "estado de concílio":

seja nos informando e informando os outros a seu respeito,
seja rezando e nos preparando para realizar com entusiasmo as suas decisões,
seja procurando aperfeiçoar-nos para a perfeição de tôda a Igreja, conversão do mundo e edificação dos nossos irmãos separados.

Logo que se falou em concílio,

muitos pensaram que visava, diretamente e em primeiro lugar, a união das igrejas:
esta será, sem dúvida, diz o Papa, "a grande esperança de concílio", mas não seu objetivo imediato;
pois conhecemos, por dolorosa experiência, a fragilidade das uniões precipitadas.

Assim, tanto a Igreja Católica como os nossos irmãos separados, procuramos preparar-nos com prudência, tentando remover os obstáculos que possam ser removidos e esquecer os antigos ressentimentos.

O Papa declarou textualmente:

"Nós pretendemos preparar o concílio, buscando o que for mais necessário para unificar e dar nova vida à organização da Igreja Católica. Em seguida, depois de ter realizado esta árdua tarefa, eliminado o que, da parte dos homens, possa constituir obstáculo, apresentaremos a Igreja em todo o seu esplendor, sem ruga e sem mancha. E então diremos a nossos irmãos (ortodoxos e protestantes): "Vêde, irmãos, isto é a Igreja do Cristo. Nós nos esforçamos por lhe ser fiéis. Por pedir ao Senhor a graça de que ela seja aquilo

que êle quis que ela fosse. Vinde e vêde: êste é o caminho do encontro e da volta. Vinde tomar ou retomar vosso lugar. O qual, para muitos de vós, foi o lugar de vossos pais".

O Papa disse ainda:

"Ó vós, que estais separados desta Sé Apostólica, deixai-nos, num afetuoso desejo, chamar-vos irmãos e filhos; deixai-nos entrever a esperança de uma volta... Escutai o Cristo dizer-vos: Eis por que sinal vos reconhecerão como meus discípulos: pelo amor que tiverdes uns aos outros".

E o Papa insiste:

"Nós nos dirigimos como a irmãos a todos aquêles que se separaram de nós. Nós dizemos, como Santo Agostinho: "Queiram ou não, são todos nossos irmãos. Só deixariam de ser nossos irmãos, se deixassem de rezar o Pai Nosso!"

CONCLUSÃO

Invoquemos, pois, caros irmãos, pela volta dos nossos irmãos do Oriente aquela Trindade cuja glória proclamaram nos primeiros grandes concílios. Invoquemos a Trindade Santíssima na mesma língua em que êles a invocavam, e de que conservamos até hoje um éco na liturgia. Repeti, pois, comigo:

Kyrie eleison!
Christe eleison!
Kyrie eleison.

E rezemos também, por nossos irmãos protestantes, a oração que o Senhor nos ensinou a todos. Repeti comigo, pausadamente, cada uma destas petições que brotam, talvez neste mesmo instante, dos lábios de nossos irmãos separados.

— Pai nosso, que estais no céu,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso reino,
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no céu.
— O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai as nossas dívidas

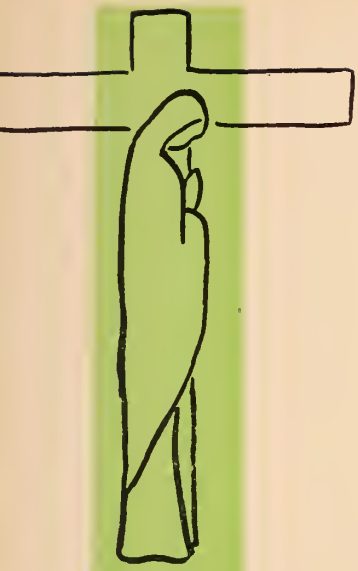
assim como nós perdoamos aos nossos devedores,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Amén!

Esta volta e reunião das Igrejas, sob o cetro único de Pedro, só Deus sabe e conhece o seu dia!

Mas podemos sonhar desde agora com o espetáculo dessa volta,
quando todos os cristãos serão de novo um só corpo,
e haverá um só rebanho e um só pastor!

(Os grupos que se haviam afastado voltam à posição inicial, enquanto se canta o Salmo 22).

Celebra-se em seguida, se possível, a missa "pela união dos cristãos", que se encontra no Missal Romano. Os figurantes do jôgo cênico poderão assistí-la do lugar em que se encontram, apenas voltando-se para o altar. No final da missa, que poderá também contar com a assistência dos treze apóstolos (que entrarão com os objetos necessários para a mesma, sairão todos em procissão, na mesma ordem em que haviam entrado. Primeiro os apóstolos, depois os que fazem a Igreja e, finalmente, os que fazem os concílios. Sairão do mesmo modo, caso não haja a missa).



A PROPÓSITO DO STABAT MATER

Atribui-se o *Stabat Mater*, a "rainha das seqüências", a diversos autores, entre os quais a S. Bernardino, a S. Boaventura, aos Papas Innocêncio III, João XII e Gregório o Grande. Presentemente entretanto, admiti-se que tenha sido composto por um irmão Menor da Ordem de S. Francisco, Jacopo de Benedetti, nascido em Todi, antiga cidade da Umbria, antes da metade do século XIII.

Jacopo ou Jacopone, como era chamado familiarmente, descendia de uma rica e ilustre família. Tendo terminado os primeiros anos de estudos em sua cidade natal, foi para Bolonha onde se doutorou em direito. Exerceu a profissão em Todi, distinguindo-se entre seus confrades por sua habilidade profissional, nem sempre muito escrupulosa, visto seu apêgo desregrado ao dinheiro. Casou com uma jovem nobre, bela e virtuosa, perdendo-a cedo, em 1268, de maneira, tragica, quando desabou o balcão de onde assistia com outras senhoras a um espetáculo popular.

Ficou profundamente impressionado com a morte da espôsa, sobretudo quando descobriu que ela usava um cilício, em expiação talvez dos pecados do espôso. Meditou sôbre a vaidade do mundo e consagrou-se a uma vida de humildade e de penitência tão estranhas, que os habitantes de Todi o apelidaram "Jocopo o louco".

Dez anos mais tarde, tendo entrado para a Ordem terceira de São Francisco, pediu para receber o hábito dos Irmãos Menores. Estes, entretanto, não se decidiam a admití-lo por causa de suas extravagâncias. Finalmente aceito na Ordem, desejou manter-se sempre como

irmão converso. Sua admissão foi devida ao fato de haver escrito dois poemas espirituais: *De contemptu Mundi*, em prosa latina rimada, e *Udite nova pazzia*, em italiano.

Sua vida religiosa caracterizou-se por uma devoção ardente, por penitências austeras e humilhações incríveis. O amor à penitência impeliu-o a agir a favor dos Irmãos espirituais que se opunham aos Conventuais, de observância menos rigorosa. Os últimos anos de Jacopo — se excetuarmos os três que precederam sua santa morte — foram tristes e atormentados. Arrastado pelo caráter violento e impulsivo, atacou em seus escritos o Papa Bonifácio VIII que suprimira os privilégios concedidos por seu predecessor Celestino V aos Irmãos espirituais e que os havia colocado sob a obediência dos Conventuais. Detido pelos Collonna, cometeu grave êrro em não reconhecer como legítima a eleição do novo Papa. Foi por isto condenado ao cárcere e à excomunhão por Bento XI, em 1303. Levou em seguida, no Convento de Collazone, uma vida tranqüila, dedicada à oração e à penitência, mercê das quais expiou seus êrros passados. Na manhã de Natal de 1306 faleceu santamente, confortado pela Santa Comunhão recebida das mãos de seu amigo íntimo Irmão João d'Alvernia, e recitando com fervor o cântico *Gesù nostra fidanza*.

Seu corpo encontra-se na Igreja S. Fortunato, em Todi. No monumento erigido pelo bispo Angelo Celsi, em 1356, lê-se a seguinte inscrição: "Aqui se encontram os ossos do Bem-aventurado Jacopone de Benedetti, de Todi, Irmão Menor, que se mostrou insensato por amor ao Cristo e que, com uma arte nova iludiu o mundo e encantou o céu".

O TEXTO.

A produção literária de Jacopone eleva-se a mais de duzentos poemas, distribuídos em sete livros. Entre êles, o *Stabat Mater dolorosa* goza de uma glória merecida. A poesia do nosso autor apresenta contrastes notáveis com a dos trovadores da época. Sem nada de artificial ou de erudito, alimenta-se de inspiração popular e espontânea. É original, cheia de um sentimento sincero e terno, que impressiona pelo caráter pessoal e que reflete ao mesmo tempo, como escreve Emília Bazàn: "Um coração sensível e uma inteligência que pensa em sua época e em seu tempo" (*S. Francesco d'Assisi*, cap. XVII). Acrescentemos a isto que, além dos poemas teológicos e místicos e dos poemas satíricos, nosso poeta escreveu uma série de poemas populares: "espalhados como orvalho do Céu — na própria expressão de Ozanam — sôbre as montanhas da Umbria", graças aos quais "os ignorantes e os pobres amam êste Santo que cantou para êles" (*Les poètes franciscains dans l'Italie du XIIIe siècle*).

Quanto ao *Stabat Mater* em particular, diremos com Pardo Bazàn que é "um grito de dôr que atravessa os séculos; inspirou grandes pintores e grandes musicistas, fêz chorar as gerações passadas e faz chorar ainda as de hoje. Efetivamente, jamais a Musa de Jacopone se mostrou tão humana como na divina elegia do *Stabat Mater* ao pé da Cruz".

De maneira idêntica expressou-se Auguste Nicolas: "O *Stabat Mater dolorosa* é uma das coisas que pertencem à humanidade. Atravessou como um mar de dôr o coração de vinte gerações, e não cessará de emocionar com o mesmo sentimento de compaixão, tôdas as que se sucederem".

"A liturgia católica — afirma por seu lado Ozanam na obra acima referida — nada tem de mais comovente que esta canção plangente, cujas estrofes monótonas caem como lágrimas; tão doce que se percebe nela uma dôr divina e consolada pelos anjos; tão simples no seu latim popular, que as mulheres e as crianças a compreendem, metade através das palavras, metade através do canto e do coração. Esta obra incomparável seria suficiente para a glória de Jacopone".

Podemos distinguir duas partes nesta seqüência:

Na primeira, composta de oito tercêtos, o poeta procura reviver a dôr da Virgem-Mãe, consternada diante de seu Filho suspenso na Cruz.

A segunda, que compreende os dez outros tercêtos, é uma súplica patética à Mãe dolorosa, para que nos faça participar dos seus sofrimentos, que são os de seu filho, e possamos assim, chorar com Ela a dôr indizível expressa nos versos:

Fac me tecum pie flere...

A composição termina por uma invocação ao Cristo, para que nos conceda, por intercessão de sua Mãe co-redentora, ganhar, ao término de nossa vida terrestre, a vitória final que nos assegura a gloria celeste.

O texto latino tem magnífica versão castelhana de Lopez de Vega, em tercêtos de grande beleza. Alguns dêles não se adaptam à melodia gregoriana, se bem que a cadência final não seja acentuada. A seqüência, cuja melodia gregoriana se deve a um Beneditino de Solesmes, Dom Fonteine, já era cantada pelo povo no fim do século XIV, com outra melodia; depois, muito mais tarde, seja para a sexta-

-feira da Semana da Paixão, seja para o dia 15 de setembro quando ficou estabelecida a festa das sete dôres da Virgem, em 1727, o texto foi incluido no Missal romano. A poesia de Jacopone inspirou muitos musicistas célebres, como Palestrina, Gluck, Mozart, Pergolèse e Rossini "que, como escreve o P. Cecilio Gutiérrez, Beneditino de Silos, procuraram traduzir em sua música tôda emoção do texto, sem entretanto conseguí-lo inteiramente". "O canto popular da Igreja — prossegue o autor — humano e piedoso, é o que lhe convém melhor. Todos unidos, sentimos elevar-se em nossa alma algo de sereno e virginal que se respira nesta dôr inocente, bem diferente da dôr humana do *Miserere*".

(*Bollettino Ceciliano*, março 1961)

Leia em nosso próximo número:

AULA INAUGURAL DO CURSO DE CANTO GREGORIANO DA ESCOLA REGIONAL DE SÃO PAULO, PROFERIDA PELO R. P. JOÃO CORSO. DAREMOS TAMBÉM A NOTÍCIA DAS PRIMEIRAS REALIZAÇÕES DESSA ESCOLA FILIADA AO INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

Pela Constituição Apostólica "Veterum Sapientia" o Papa promove o renascimento da língua latina nas escolas eclesiásticas e religiosas

Constituição Apostólica de Sua Santidade João XXIII Papa pela Divina Providência promovendo o estudo do latim

JOÃO, BISPO SERVO DOS SERVOS DE DEUS PARA PERPÉTUA MEMÓRIA

I PARTE

Excelência e méritos da língua latina

A Sabedoria dos Antigos, encerrada na literatura dos gregos e romanos, assim como os notáveis ensinamentos dos antigos povos, devem ser considerados como uma aurora prenunciadora da verdade evangélica que o Filho de Deus, "árbitro e mestre da graça e da doutrina, luz e guia do gênero humano", (1) lhes anunciou na terra. Com efeito, os Padres e Doutores da Igreja reconheceram nos importantíssimos monumentos literários daqueles antigos tempos certa preparação das almas para receber as riquezas celestes que Jesus Cristo, "na economia da plenitude dos tempos" (2) comunicou aos homens; daí se explica o fato de, com a instrução do cristianismo, nada se ter perdido do que os séculos anteriores haviam produzido de verdadeiro, de justo, de nobre e de belo.

Preciosa herança transmitida à Igreja

Por essa razão a santa Igreja teve sempre em grande honra êsses documentos de sabedoria e principalmente as línguas grega e latina, que são como a veste áurea da pró-

---

(1) Tertuliano, Apol. 21, Migne, Patrologia Latina 1, 394.

(2) Efésios, 1,10.

pria sabedoria, e adotou também outras venerandas línguas que floresceram no Oriente e muito contribuíram para o progresso humano e a civilização; estas línguas, usadas nas cerimônias litúrgicas e nas versões das Sagradas Escrituras, estão ainda em vigor atualmente em certas regiões, como expressões de um antigo uso, ininterrupto e vivo.

Nesta variedade de línguas tem sem dúvida preeminência a que nasceu no Lácio e favoreceu depois admiràvelmente a difusão do cristianismo no ocidente. Efetivamente não sem especial providência divina, esta língua, que reunira durante vários séculos tantos povos sob a autoridade do Império Romano, tornou-se a língua da Sé Apostólica (3) e, guardada para a posteridade, uniu entre si em estreito vínculo de unidade os povos cristãos da Europa.

De fato, por sua natureza, a língua latina é perfeitamente apta a promover tôda forma de cultura entre qualquer povo; não provoca ciúmes, mostra-se imparcial para todos, não é privilégio de ninguém, é bem aceita por todos. E não se deve esquecer que a língua latina possui forma nobre e característica: estilo conciso, rico, harmonioso, cheio de majestade e dignidade (4) que favorece de modo singular a clareza e a gravidade.

As qualidades do latim adaptam-se à natureza e à missão da Igreja

Por êste motivo a Sé Apostólica sempre procurou zelosamente conservar a língua latina e julgou-a digna de ser usada por ela própria "como magnífica veste da doutrina celeste e das santíssimas leis (5) no exercício de seu magistério, e igualmente pelos ministros sagrados. Realmente, onde quer que êstes se encontrem, com o conhecimento e o uso da língua latina podem mais prontamente inteirar-se do que vem da Santa Sé e comunicar-se com ela e entre si com maior facilidade.

Por conseguinte, estando essa língua ìntimamente ligada à vida da Igreja, seu "conhecimento e sua prática in-

---

(3) Epist. S. Congr. Stud. Vehementer sanne "ad Ep. universos" 1 de julho de 1903; Each. Cler. N. 820 Cfr. também Epist. Ap. de Pio XI, Unigenitus Dei Filius, 19 de março de 1924, Acta Apostolicae Sedis 16 (1924), 141.

(4) Pio XI, Epist. Ap. Cf. fieiorum omnium, 1.º de agôsto de 1922; Acta Apostolicae Sedis 14 (1922), 452-453.

(5) Pio XI, Motu Proprio Litterarum Latinarum, 20 de outubro de 1924; Acata Apostolicae Sedis 16 (1924), 317.

teressam mais à religião do que à cultura e às letras' (6) como advertiu Nosso Predecessor Pio XI que, procurando cientìficamente as razões disso, provou serem três as qualidades dessa língua que condizem maravilhosamente com a natureza da Igreja. De fato, a Igreja, que abraça em seu seio tôdas as nações e está destinada a permanecer até o fim dos séculos exige por sua própria natureza uma língua universal, imutável, não vulgar". (7)

Língua universal

Visto ser necessário que "tôda Igreja se una" (8) à Igreja Romana e que os Sumos Pontífices tenham poder "verdadeiramente episcopal ordinário e imediato, não sòmente sôbre tôdas e cada uma das Igrejas, mas também sôbre todos e cada um dos pastores e fiéis" (9) de qualquer rito, nação e língua, parece de tôda conveniência a que o instrumento de comunicação mútua seja "universal" e uniforme especialmente entre a Sé Apostólica e as Igrejas que seguem o mesmo rito latino. Por êsse motivo, sejam os Pontífices Romanos quando querem instruir os povos católicos sejam os Dicastérios da Cúria Romana no desempenho de negócios ou na redação de decretos concernentes à totalidade dos fiéis, usam sempre a língua latina agradável a todos os povos como a voz da mãe comum.

Língua imutável

Convém que a língua usada pela Igreja seja não apenas universal mas "imutável". Com efeito, se as verdades da Igreja católica fôssem transmitidas em algumas ou muitas das variáveis línguas modernas nenhuma delas seria superior às demais em autoridade e aconteceria que por um lado, numerosas como são, seu sentido não seria manifesto a todos com suficiente precisão e clareza e por outro lado, não haveria nenhuma língua que servisse de norma comum e estável pela qual pudesse ser determinado o sentido das

---

(6) Pio XI, Epist. Ap. Cf. officiorum omnium, 1.º de agôsto de 1922; Acta Apostolicae Sedis 14 (1922), 452.

(7) Ibidem.

(8) Santo Irineu, Adver. Haer., 3. 3, 2; Migne Patrologia grega 7 843.

(9) Código do Direito Canônico, can. 218, § 2.

outras. Na verdade a língua latina, subtraída há muito tempo às variações que o uso cotidiano do povo costuma introduzir na noção dos vocábulos, deve ser considerada fixa e estável visto que as novas significações de algumas palavras latinas que o desenvolvimento, a explanação e a defesa das verdades cristãs exigiram, já foram há muito firmadas e ratificadas.

Finalmente se a Igreja Católica visto ter sido fundada pelo Cristo Senhor excede de muito em dignidade a tôdas as sociedades humanas, é justo que use uma língua "não vulgar" mas cheia de nobreza e magestade.

Tesouro incomparável e chave de tradição

Além disso, tendo a língua latina, que "podemos chamar verdadeiramente de católica" (10), sido consagrada pelo uso constante que dela fez a Santa Sé, mãe e mestra de tôdas as Igrejas, deve ser considerada também qual "tesouro de incomparável valor" (11) e qual uma porta que põe em contacto direto com as próprias verdades cristãs transmitidas pela tradição e com os documentos do ensinamento da Igreja (12); e finalmente vínculo eficacíssimo que une em admirável continuidade a Igreja de hoje à de ontem e de amanhã.

Eficácia formadora do Latim

Não há realmente ninguém que possa pôr em dúvida a eficácia tôda especial que possui quer a língua latina quer a cultura humanista, para desenvolver e formar as tenras inteligências dos jovens. Com efeito, ela exercita, amadurece e aperfeiçoa as melhores faculdades do espírito; aviva a agudez do espírito e a capacidade de julgar; torna as jovens

---

(10) Cfr. Pio XI, Officiorum omnium, 1.º de agôsto de 1922; Acta Apostolicae Sedis 14 (1922), 453.

(11) Pio XI, Officiorum omnium, 1.º de agôsto de 1922; Acta Apostolicae Sedis 14 (1922), 453.

(12) Leão XIII, Encicl. Depuis le Jour, 8 de setembro de 1899; Acta Leonis XIII, 10 (1899), 168.

inteligências mais aptas a compreenderem e considerarem retamente tôdas as coisas e por fim ensina a pensar e a falar com acêrto.

Por estas qualidades a Igreja sempre manteve e continua a manter a língua latina

Ponderando devidamente essas qualidades, compreende-se porque, freqüentemente, os Pontífices Romanos não só tanto exaltaram a importância e o valor da língua latina, como também prescreveram seu estudo e uso ao clero secular e regular, denunciando os perigos que se originam de seu abandono.

Eis por que, levado pelos mesmos gravíssimos motivos que moveram Nossos Predecessores e os Sinodos Provinciais (13) também Nós mantemos o firme propósito de que o estudo e o uso dessa língua, restituída à sua dignidade, sejam intantemente promovidos. Como em nossa época o uso da língua latina começou a ser pôsto em discussão em vários lugares, e muitos perguntam qual é o pensamento da Sé Apostólica a êsse respeito, resolvemos providenciar com oportunas normas enunciadas neste solene documento a fim de que seja mantido o antigo e ininterrupto uso da língua latina e, onde tiver caído quase em abandono, seja plenamente restabelecido.

Parece-nos, de resto que expressamos com bastante clareza Nosso pensamento sôbre êste assunto, quando dirigimos estas palavras a ilustres cultores do latim: "Infelizmente, há muitos que, estranhamente seduzidos pelo maravilhoso progresso das ciências, pretendem rejeitar ou reduzir o estudo do latim e de outras disciplinas do mesmo gênero... Justamente por esta imperiosa necessidade, julgamos que se deve seguir outro caminho. Visto penetrar e fixar-se melhor no espírito o que mais corresponde à natureza e à dignidade do homem, é preciso adquirir com maior ardor o que forma e nobilita o espírito, a fim de que os pobres mortais não se

---

(13) Cfr. Collectio Lacensis, principalmente vol. III, 1018 s. (Conc. Prov. Westmonasteriense, 1859); vol. IV, 29 (Conc. Prov. Parisiense, 1849); vol. IV, 350, 361 (Conc. Prov. Avenionense, 1848); vol. IV, 394, 396, (Conc. Prov. Burdigatense 1850); vol. V. 61 (Conc. Strigoniense 1858) vol. VI, 619 (Synod, Vicar. Suchensit, 1803).

tornem semelhantes às máquinas que fabricam, frios, duros e desprovidos de amor" (14).

II PARTE

Providências do Papa para um renascimento do estudo e do uso do latim

Depois de haver examinado e ponderado cuidadosamente êste assunto, Nós firmemente cônscios de Nosso ofício e de Nossa autoridade, estabelecemos e ordenamos o que se segue;

1. Tantos os Bispos como os Superiores Gerais das Ordens Religiosas providenciem a fim de que em seus Seminários ou em suas Escolas, onde os jovens são preparados para o sacerdócio, todos, neste ponto, se mostrem dóceis à vontade da Sé Apostólica e obedeçam escrupulosamente a estas Nossas prescrições.

2. Vetem os mesmos, com paternal solicitude, para que nenhum de seus súditos, por gôsto de novidades, escreva contra o uso da línguas latinas, seja no ensino das disciplinas sagradas superiores, seja nos sagrados ritos da Liturgia, nem, movido por preconceitos, diminua a fôrça preceptiva da vontade da Santa Sé nesta matéria ou lhe altere o sentido.

3. Como foi estabelecido quer pelo Código de Direito Canônico (canon 1364), quer pelas determinações de Nossos Predecessôres, aos seminaristas, antes de começarem os estudos pròpriamente eclesiásticos, devem ser cuidadosamente instruídos na língua latina por mestres competentes e métodos adaptados e por espaço de tempo conveniente, "também para que mais tarde, quando tiverem acesso às disciplinas superiores, não aconteça que, por ignorância da língua, não possam apreendê-las plenamente, nem se exercerem naquelas disputas escolásticas pelas quais a inteligência dos jovens se

---

(14) Ad Convenientum Internat. "Ciceronianis studis provehendis", 7 de setembro de 1959; em Discorso Message Colloqui do Santo Padre João XXIII, pp. 234-235. Cfr. também a Alocução à Peregrinação da Diocese de Piacenza, 15 de abril de 1959; "L'Osservatore Romano, 16 de abril de 1959; Epist. Pater misericordiarum, 22 de agôsto de 1959 Acta Apostolicae Sedis, 5 (7961); Alocução usando da solene inauguração do Colégio Filipino em Roma, a 7 de outubro de 1961; "L'Osservatore Romano", 9-10 de outubro de 1961; Epist. Jucunda Laudatio 9 de dezembro de 1961; Acta Apostolicae Sedis, 53 (1961), 812.

adestra para a defesa da verdade (15). Isto vale também para os que foram chamados à vocação sacerdotal em idade madura sem terem feito nenhum estudo clássico ou tendo-o feito muito insuficiente. Ninguém poderá ser admitido aos cursos de Filosofia e Teologia se não tiver perfeito conhecimento da língua e se não fôr capaz de empregá-la.

4. Se em alguns países, por terem as escolas eclesiásticas adotado o programa de estudo das escolas públicas, o estudo da língua latina sofreu de algum modo uma diminuição, em detrimento da verdade e sólida formação, queremos que aí seja inteiramente restabelecido o ensino tradicional dessa língua; pois, todos devem persuadir-se de que também nesta matéria, é necessário que sejam escrupulosamente defendidas as exigências próprias da formação dos futuros sacerdotes, não sòmente quanto ao gênero e número das disciplinas, mas também quanto ao tempo reservado a seu ensino. E se, por circunstâncias de tempo e lugar, outras matérias forem acrescentadas às habituais, então, ou se prolongará o currículo dos estudos ou tais disciplinas serão dadas resumidamente ou, finalmente seu estudo será deferido para outra ocasião.

5. As principais disciplinas sagradas como várias vêzes foi prescrito, devem ser dadas em latim, língua que pelo uso de tantos séculos, sabemos "ser aptíssima para explicar com facilidade e clareza singular a íntima e profunda natureza das coisas" (16) porque, além de ter sido há muitos séculos enriquecida com vocábulos próprios e bem característicos, adequados à defesa da integridade da fé católica, é também bastante própria para impedir a demasiada loquacidade. Por êsse motivo, os que ensinam estas disciplinas, sejam nas Universidades sejam nos Seminários, devem falar em latim e se servirem de textos escritos em latim. Se, por ignorância da língua latina, não forem capazes de obedecer a estas prescrições da Santa Sé, sejam pouco a pouco substituídos por professores aptos a tal. As dificuldades, porém, que possam provir, ou da parte dos professores ou da parte dos alunos, devem ser superadas, de um lado pela firmeza dos Bispos e Superiores e do outro pela boa vontade dos professores.

---

(15) Pio XI, Epist. Ap. Officiorum omnium, 1.º de agôsto de 1922; Acta Apostolicae Sedis 14 (1922), 453.

(16) Epist. de S. Cong. dos Estudos, Vehemente sane, 1.º de juho de 1908: Ench. Cler., n. 821.

Nôvo instituto acadêmico

6. Como o latim é a língua viva da Igreja, para que seja adaptada às necessidades sempre crescentes da linguística e se enriqueça com novos, adequados e convenientes vocábulos, de maneira uniforme universal e em harmonia com a índole da antiga língua latina, maneira já adotada pelos Santos Padres e pelos melhores escritores "escolásticos" — ordenamos à Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades que providencie a fundação de um Instituto Acadêmico de Latim. Este Instituto, que deverá possuir um corpo de professores peritos nas línguas latina e grega e provenientes das várias partes do mundo, terá como fim principal — a exemplo das respectivas línguas — velar pelo conveniente desenvolvimento da língua latina, acrescentando ao vocabulário latino, quando necessário palavras em harmonia com sua índole e seu colorido próprio e, além disso, manter cursos de latim de tôdas as épocas sobretudo da cristã. Nestes cursos devem ser formados ao conhecimento mais pleno da língua latina, em seu uso e num estilo próprio e elegante aqueles que estão destinados a ensiná-la nos Seminários e Colégios eclesiásticos, ou a redigir decretos, sentenças e cartas nos Dicastérios da Santa Sé, nas Cúrias diocesanas, nos Ofícios das Ordens Religiosas.

7. Estando, porém, a língua latina estreitamente ligada à grega, tanto pela natureza de sua conformação como pela importância das obras legadas pela antiguidade, é também necessário, como freqüentemente prescreveram Nossos Predecessores, que os futuros sacerdotes sejam nela instruído desde os cursos elementares e médios, a fim de que, quando estudarem as disciplinas superiores, sobretudo se aspiram ao doutorado em Sagrada Escritura ou em Teologia, possam frequentar e compreender perfeitamente não só as fontes gregas da filosofia escolástica, mas os próprios textos originais das Sagradas Escrituras, da Liturgia e dos Santos Padres Gregos (17).

8. Ordenamos, além disso, à mesma Sagrada Congregação que prepare um programa de estudo de latim — que deve fielmente ser observado por todos — apto e dar aos que o

---

(17) Leão XIII, Encicl. Providentissimus Deus, 18 de novembro de 1893; Acta Leonis XIII, 12 (1893), 342, Epist. Sane quidem intelligis, 20 de maio de 1885, Acta 5, 63, 64; Pio XII, Aloc. Magis quam 23 de setembro de 1951: Acta Apostolicae Sedis 43 (1951), 737.

seguirem o devido conhecimento e prática desta língua. Este programa poderá por exigências particulares, ser disposto de modo diferente pelas várias reuniões dos Ordináros, mas sua substância nunca poderá ser mudada ou atenuada. Todavia, não julguem os Ordinários poder pôr em prática seus projetos sem que tenham sido examinados e aprovados pela Sagrada Congregação.

Finalmente, tudo quanto nesta Nossa Constituição estatuímos, decretamos, determinamos e recomendamos, queremos e ordenamos com Nossa Autoridade Apostólica, que permaneça definitivamente firme e ratificado não obstante quaisquer disposições contrárias ainda que dignas de especial menção.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 22 de fevereiro, festa da Cátedra de São Pedro, do ano de 1962, quarta de Nosso Pontificado.

(Tradução da Abadia de Nossa Senhora das Graças especial para O DIÁRIO, e permitida a transcrição, citando-se esta fonte).

JOANNES pp. XXIII

Mensagem do Instituto Pio X do Rio de Janeiro à 2.ª Semana Gregoriana de Pôrto Alegre (Julho de 1962)

A mensagem de saudação que o Instituto Pio X do Rio de Janeiro dirige neste momento a professores e alunos reunidos na 2ª Semana de Estudos Gregorianos que se realiza em Pôrto Alegre, é uma mensagem de *alegria*, de *esperança* e de *reconhecimento*.

1. De *alegria* porque o encontro dêstes dias é um reencontro e um *reencontro* para louvar, para cantar com beleza a Deus. "Deo nostro sit iucunda decoraque laudatio". O canto de louvor a Deus traz necessáriamente uma união, um amor mais profundo entre aquêles que louvam, pois o objeto e a própria substância do nosso louvor se identificam com Deus, fonte de todo o verdadeiro amor e das verdadeiras alegrias "ibi nostra fixa sint corda ubi vera sunt gaudia", diz a oração do 4º domingo depois de Páscoa, e esta reunião é um sinal vivo de que queremos fixar nossos corações onde se encontram as verdadeiras alegrias. É assim que nos sentimos mais unidos desde a 1a Semana Gregoriana de Janeiro de 1961 quando nos conhecemos sob o signo do louvor pelo canto sacro. Se é verdade que nem todos que aqui estiveram em 1961 puderam responder, com sua presença, a êste apêlo de um reencontro, não será menos certo que de fato respondem com seu desejo de um dia estar presentes, respondem com sua união espiritual, com suas orações, com uma palavra de excusa, de saudade, de votos e angúrios pelos bons trabalhos que ora se abrem. É o que faz neste momento o escriba destas linhas de saudação, que também incluem seu pezar por não poder estar presente, pezar bem sentido pois bem vivas estão em sua memória as recordações dos ótimos dias de trabalho, convivência e oração cantada na comunidade de um só coração, dias aí passados durante a Semana Gregoriana de 1961, em meio à fidalguia da hospitalidade gaúcha, tão fortemente penetrada pela simplicidade e caridade cristãs. Não deixarão também de ser contrabalançadas essas ausências com a presença de novos elementos que agora travam contacto com nossos trabalhos e que trazem um nôvo entusiasmo para se juntar com o renovado espírito dos veteranos.

2. — Nossa mensagem é, em segundo lugar, uma mensagem de *esperança*. porque constatamos que o trabalho já feito não ficou perdido, que os fundamentos colocados não foram abandonados, que mais que isso, um campo vasto se abre diante de nossos olhos, campo cheio de promessas e de perspectivas animadoras. Trata-se da instalação nesta ocasião da Escola Regional de Canto Gregoriano, filiada ao Instituto Pio X do Rio de Janeiro e que se incumbirá não só de promover Semanas Gregorianas como esta em Pôrto Alegre ou em outros pontos do Estado conforme fôr possível, como manterá cursos permanentes de gregoriano, durante o ano escolar, tendo seu corpo próprio de professores e de alunos. Lembra-nos de ter lido há pouco a seguinte reflexão do Papa João XXIII atualmente reinante: "Quando o nosso Santo Predecessor Pio X quis promover a reforma da sagrada liturgia, com sagaz intuição e sem hesitar vi que tal renovação não dependia pouco de um sôpro puro e religioso da parte da música sacra. E, por isto, publicado o Motu Próprio "Tra le sollecitudini dell'officio pastorale", no qual eram firmados e sancionados na matéria, os princípios e as normas tradicionais aplicados às necessidades dos tempos modernos, sàbiamente decretou êle a constituição, em Roma, desta Escola superior para o ensino da Música Sacra. A esperança do nosso Predecessor não foi iludida; antes, à sua expectativa corresponderam frutos abundantes". Estas palavras do S. Padre João XXIII são dirigidas ao Presidente do Instituto de Música Sacra de Roma ao completar êste Instituto Pontifício, em dezembro último, o seu quinquagéssimo aniversário de vida e atividade. Esta idéia genial do nosso Papa Santo Pio X foi imitada tempos depois, em França, onde se fundou em 1923, o *Institut Grégorien de Paris*. É neste *Institut*, que teve sua origem promovida pelo célebre Cardeal Dubois, Arcebispo de Paris, com a colaboração do grande e benemérito mosteiro beneditino de Solesmes, que há cêrca de 15 anos atrás diplomou-se em canto gregoriano com a maior competência a Madre dominicana brasileira Marie-Rose Porto que, de volta à sua pátria, fundou no Rio de Janeiro o Instituto Pio X. Não vos poupamos essas pequenas referências históricas para que tenhais uma idéia de onde vem a voz que vos dirige a palavra nesta mensagem. O Instituto Pio X do Rio de Janeiro há mais de dez anos se exerce em sua atividade de formação de cantores e diretores de Côro Gregoriano. Faz agora exatamente dez anos que o Diretor do Instituto Gregoriano de Paris, ilustre musicista e grande gregorianista, M. Auguste Le Guennant, estêve uma temporada no Rio para ratificar a filiação e identidade de títulos entre o Instituto carioca e o de Paris, ministrando então diversos cursos de gregoriano e dirigindo missas em canto gregoriano com a participação de massas vocais infantis, o que pela primeira vez se via no Rio e talvez

no Brasil, dentro do mais autêntico estilo solesmense que hoje se poderá chamar simplesmente o estilo gregoriano. Foi neste mesmo Instituto Pio X do Rio que com talento e brilho já se formaram professores de Canto Gregoriano e Diretores de Côro que, graças à boa orientação de seus superiores, compreenderam que não é inútil o sacrifício de participar de Semanas Gregorianas seguidas, de cumprirem com perseverança e zêlo os cursos por correspondência e mesmo de freqüentarem o curso que se desenvolve durante o ano em nosso Instituto. A prova que uma tal dedicação foi abençoada já a tivemos na 1.ª Semana Gregoriana de Pôrto Alegre realizada em 1962 com a participação, no corpo docente, de ex-alunos formados pelo Instituto, como foram Rev. Frei Marcial de Criúva, Rev. Frei Gil de Roca Salles, ambos dos Capuchinhos, e Irmã Aurélia das Religiosas da Divina Providência de Florianópolis. Mais ainda temos hoje essa prova confirmada não só na realização de uma 2.ª Semana Gregoriana como ambém na fundação da Escola Regional, com cursos permanenes, que o Instituto Pio X do Rio de Janeiro houve por bem instaurar, nomeando para dirigí-la em seu nome dois delegados seus o Rev. Frei Emílio Scheid O.F.M. e o Rev. Frei Gil de Roca Salles O.F.M. Cap. É dispensável dizer o quanto esperamos desta escola, com a confiança que temos nos que a dirigem, como nos professores que a ela emprestarão sua colaboração, como no grande entusiasmo dos alunos que a ela confiarem sua formação gregoriana. Nossa esperança é tanto maior quanto estamos convencidos que o trabalho de uma Escola como esta vem ao encontro de uma grande necessidade e aspiração da Santa Igreja do Cristo expressa pelos votos dos Santos Pontífices Romanos e pelo desejo dos Srs. Bispos e Superiores Religiosos de formarem seu clero e suas Comunidades na Ciência do Louvor de Deus, no culto e veneração às coisas Sagradas e no zêlo pelo decôro e beleza da Casa que Deus escolheu para sua morada a fim de aí receber o "Sacrificium Laudis" oferecido pelos fiéis em união com o Sacrifício do Filho Unigênito.

3. Por fim, nossa mensagem é de *reconhecimento*. Reconhecimento to a Deus que ama e abençôa aos que dão com alegria, reconhecimento aos que emprestam o melhor de suas fôrças para o êxito de um tal trabalho, quer como professores, quer como estudantes. Reconhecimento e agradecimento aos que nos acolhem em seus colégios, cheios de benignidade e paciência para com nosso estudo nem sempre silencioso. Com especial alegria, queremos aqui mencionar a acolhida que nos foi oferecida pela Pontifícia Universidade Católica de Pôrto Alegre, que nos proporcionará a sede para os trabalhos da Escola Regional e para suas aulas durante o ano letivo. Ocorre lembrar que o Instituto Gregoriano de Paris, ao qual já nos referimos acima

como ante-nato do nosso, sempre funcionou junto ao celebre *Institut Catholique de Paris* que é a grande Universidade Católica parisiense e acha-se desde 1936 incorporado ao msmo Instituto. Nada mais conveniente que essa vizinhança. Se não há verdadeiro e fecundo trabalho sem ardente oração, não há estudo, compreensão superior dos conhecimentos mais altos sem um transbordamento em contemplação e em louvor. Se tudo o que fazemos e especialmente o cultivo da inteligência, fazemo-lo tendo em vista a glória de Deus, sabemos também que essa Glória se define "clara cum laude notitia", visão clara, nítida compreensão das realidades, com um transbordamento de louvor: "cum laude" e com o mais humano dos louvores, porque mais espiritual e mais belo, o louvor da voz que canta. Alegram-nos pois as palavras com as quais o Magnífico Reitor nos acolheu: "As portas da Universidade estão abertas e a Universidade bate palmas".

Deixamos de propósito para o fim o agradecimento ao que primeiro nos acolheu e sem o qual aqui não estariamos. Trata-se do caríssimo Pastor, S. Excia. o Sr. Arcebispo de Pôrto Alegre Dom Vicente Scherer, com cujas palavras animadoras e cheias de bondade queremos dar fêcho a esta mensagem. Aprendemos desde cedo que na Igreja nada se faz "sine Episcopo" e a experiência nos confirma que nunca nos falta o Episcopus, o Bom Pastor do rebanho de Cristo quando o que queremos fazer é obra de Deus, é o "opus Dei" que o Corpo Místico, a Cabeça com os membros rendem ao Pai.

Seja a expressão de nosso reconhecimento a proclamação das paternais palavras de S. Excia. Revma.:

"A feliz iniciativa da fundação de um curso de canto gregoriano nesta capital, merece a minha prazerosa aprovação e vivos aplausos. Tem por importante finalidade ensinar e cultivar todo o gênero de canto que se executa nas igrejas para glorificar a Deus e dispor á oração o espírito dos assistentes que, desejosos de enriquecimento interior, se acham congregados ao pé dos altares do Senhor. Como planta promissora surja a ESCOLA PIO X DE CANTO GREGORIANO, tenha amplo desenvolvimento e sazone os preciosos frutos de elevação da vida cristã que dêle ansiosamente esperamos. Vivat, crescat, floreat!"

Vicente Scherer, Arc. Metrop. de Pôrto Alegre.
Pôrto Alegre, 17 de maio de 1962.

Declare-se assim, por mandato do Instituto Pio X do Rio de Janeiro, iniciada a 2.ª Semana Gregoriana de Pôrto Alegre e fundada a Escola Regional de Pôrto Alegre.

Ass. *D. João Evangelista Enout O.S.B.*
Diretor do Instituto Pio X do Rio de Janeiro
M. Marie-Rose Porto O.P. Vice Diretora

REVERENDO PADRE JOÃO BATISTA DOS SANTOS

Quando esta edição da REVISTA GREGORIANA aperecer já terá recebido a sagrada unção de Sacerdote do Cristo o distinto aluno e também professor do Instituto Pio X, Diácono João Batista dos Santos. O neomista que se distinguiu por sua aplicação e raros dotes de gregorianista em seu curso, não os desmentiu ministrando as aulas de 1º ano em nossa última Semana Gregoriana de S. Paulo. Chega-nos agora o convite para sua Ordenação Sacerdotal no Seminário Central do Ipiranga, a 8 de Julho de 1962 e Missa Solene na Matriz de Nossa Senhora de Fátima a 22 de Julho.

Convidamos os colegas e alunos do Padre João Batista a se unirem conosco numa prece de Ação de Graças por tão grande dom e que as inumeráveis graças que recebe o neo-sacerdote mais o incentivem no no trabalho de aperfeiçoamento e difusão do louvor cantado.

Nova edição reformada:

PRIMA E COMPLETAS

do Breviário Romano

PARA TODOS OS DIAS DO ANO

3.ª edição
(De acôrdo com o Motu Próprio de João XXIII de 25 de julho de 1960)

Impresso em papel bíblia nacional, latim-português, com sinais de pausa para recitação em côro, seja em latim, seja em vernáculo.

É o livro que todo cristão deve usar diàriamente para suas orações da manhã e da noite, em união com a Santa Igreja.

Indispensável aos Seminários, Escolas Apostólicas, Juvenatos, Noviciados, Ação Católica, Colégios, Internatos, Paróquias, Movimento Familiar Cristão, Associações em geral.

PRIMA E COMPLETAS se encontram na íntegra, quer em latim, quer em vernáculo — é realmente a oração canônica, oficial da Santa Igreja para a manhã e a noite, não é texto adaptado ou simplificado.

A sair até o mês de agôsto.

Volume encadernado em percalina. Preço ainda não fixado. Descontos habituais.

EDIÇÕES "LUMEN CHRIST"
MOSTEIRO DE S. BENTO
CAIXA POSTAL, 2.666
RIO DE JANEIRO — GB

"LIVROS EM REVISTA"

A CAMINHO DO PAI, por Teresa de Cristo Lézier O.S.U. Coleção "Com Cristo", Livro do Mestre. — Livraria Agir Editôra, Rio, 1962.

"No Catecismo, o grande problema não é ensinar todo o programa, mas fazer com que o ensinamento passe para a vida das crianças" (p. 15). O que há de nôvo, de profundamente construtivo nesse último livro de Madre Lézier, é, sem dúvida, o fato de ter mostrado de modo claro que o catecismo não é um acúmulo de fórmulas difíceis, aprendidas na infância e depois tristemente abandonadas, mas sim um "contato com Alguém ,um Alguém vivo, CRISTO DEUS" (p. 13). Se a mensagem cristã é sempre a mesma em todos os séculos, varia contudo o modo como se apresenta. É aqui neste particular que nosso livro se torna indispensável para todos aquêles que desejam ser verdadeiros catequistas. Todos os recursos da moderna pedagogia religiosa são usados, e, digamos, usados para levarem, alunos e mestres, à perfeita participação no mistério da Igreja.

Logo de início a A. trata do fim, meios, métodos da Catequese como também tece considerações sôbre o modo da "purificação" do catequista. Entre outros meios, diz a A. que "o canto é de grande eficácia na catequese porque... é uma forma de Oração" (p. 31) e: "Os Salmos são magníficas orações, mesmo para as crianças".

Após êsses princípios gerais Madre Lézier expõe regras concretas de como bem conseguir levar as crianças a cantarem os salmos e hinos sagrados. A razão disto é que o canto é a expressão palpável da admiração humana. "A Igreja nos pede para cantar a fim de pôr um pouco de variedade na Missa? Para torná-la mais interessante? Nada disso; cantamos porque a Missa celebra os louvores de Deus e porque a admiração se traduz, ou pelo silêncio ou pelas aclamações' (p. 159).

Todos êsses recursos da Catequese tão bem oportunos, levam à preparação e formação do "convicto, do paroquiano e do militante". Fazer que alguém" aceite na própria vida a presença de Deus, com suas exigências de amor" é ser con-

victo. Ser paroquiano é "ser participante ativo da celebração eucarística, ou, pelo menos, da vida comunitária ,em união com a Igreja". O espírito missionário sendo essencial à nossa fé, necessária se torna a formação do militante. Para se ser militante é preciso "primeiro ser cristão, isto é, comprometer-se, engajar-se, confirmar sua vida prática às suas convicções".

Daí a A. leva, numa síntese lógica, às seguintes relações: O Dogma na formação do convicto; a Liturgia na formação do paroquiano e a Moral para a formação do militante. (É nesta perspectiva que o leitor não extranhará, logo de início, no índice, sob o título MORAL, temas como êstes: "os sacramentais, a Extrema Unção, ou a vida litúrgica.") Como em todo complexo vital, estas perspectivas exercem influxo mútuo e são dependentes e se aperfeiçoam. (p. 16)

Os 23 capítulos dêste livro estão metòdicamente distribuídos em três partes cada um, tratando respectivamente da formação do convicto, do paroquiano e do militante. Certamente que um Manual desta natureza renovará e entusiasmará muitos cristãos desejosos de viverem a vida cristã em profundidade e de comunicarem aos outros o patrimônio de riquezas cristãs que se encontram na Igreja. Não parecerá incrível a ninguém se se disser que o Manual de Madre Lézier serve para meditação, instrução de muitos que já se julgam formados na doutrina cristã. O livro foi feliz. Estilo claro, simples, atual, não cansa o leitor. Como há em cada cristão um catequista, creio ser inútil dizer que o Manual merece acolhida dos católicos autênticos que descobriram ou re-descobriram sua vocação de construtores da Igreja de Deus. "Os cristãos devem aplaudir esforços como êste e dar-lhes todo o apôio possível" (p. 412).

D.H.P.

O MISTÉRIO DA IGREJA, por Frei Humberto Clérissac O.P. Tradução de Frei José de Azevedo Mendonça O.P. — Livraria Sal, São Paulo, 1960.

Pe. Clérissac, francês, estudou no colégio jesuita de Avignon. Influenciado pela leitura da "Vida de São Domingos" de Lacordaire, fêz-se dominicano, pronunciando seus votos religiosos em 1882, com 18 anos de idade. A pressão anticlerical exercida na França durante a terceira República

dispersara os religiosos. A província dominicana de Lyon estava, então, na Holanda. Aí fêz o Pe. Clérissac seus estudos de filosofia e teologia. Pregou com sucesso para comunidades beneditinas exiladas (Solesmes, então em Quarr Abbey, ouviu por diversas vêzes suas conferências espirituais). Imbuído de sólida cultura inglêsa dedicou-se preferencialmente a espalhar a Palavra de Deus na Inglaterra. Tôda esta situação agitada na qual se encontrava a Igreja na França, todo êste clima de hostilidade e de indiferença para com os cristãos fiéis aos seus princípios religiosos, levou o Pe. Clérissac a se compenetrar cada vez mais da realidade do Mistério da Igreja. Em suas conferências às comunidades beneditinas de Solesmes e a de Oosterhout, não apenas ofereceu êle as profundas convicções de seu espírito apostólico, como, em troca, recebeu e deixou que se lhe gravassem na alma a realidade do clima monástico, expressão e figura em miniatura da Igreja que tanto amava. Um dos aspectos desta realidade que o marcou certamente foi o amor aos cânticos que êle ouvia da bôca dos monjes exilados. "Os cânticos da Igreja éram-lhe caros, como os cânticos da Pátria no exílio; gostava de cantá-los, principalmente o tractus da Missa dos Doutores "Quasi Stella Matutina", ou o responsório "In Pace in idipsum", que, conta-se, fazia chorar a Santo Tomás. (Cf. Prefácio da edição francêsa, p. XIV). A presença de Deus no mistério da Liturgia, o simbolismo transcendental dos gestos humanos santificados pela presença hierática de Cristo entre seus membros na formação de um só corpo, realidades estas também sentidas e vividas pelo Pe. Clérissac em suas visitas habituais aos mosteiros, fizeram-lhe escrever pensamentos como êstes: "Quem ousará dizer que essa vida hierática da Igreja primitiva seja uma utopia acidentalmente realizada, ou simplesmente uma perfeição demasiado grande para que as exigências do estudo e as necessidades de ação nos permitam tender a ela em nossos dias? A ciência que nos afastar totalmente dessa vida não será mais que um vão humanismo; e a ação que prescinde dessa vida não passa de mero individualismo. Muito estudo e muita ação não valem uma missa' (O Mistério da Igreja, p. 55). Seria lícito e razoável supôr que, preparando-se para pregar para monges, tivesse o Pe. Clérissac em mãos a Regra de Bento. O Opus Dei é a oração da Igreja. Ainda há pouco o papa João XXIII disse que a mais perfeita forma de oração da Igreja é o Ofício Divino recitado no côro. São verdades indiscutíveis. Nosso autor percebeu isto, quando dizia: "Não nos surpreende se a Igreja é essencialmente contemplativa,

se criou em seu seio um poderoso organismo de Oração, no qual o louvor desinteressado tem a melhor parte, se tudo o que participa de sua vida traz sinais de uma graça de unção, de ternura, de alegria e como que um acento paradisíaco" (p. 85). A Igreja, concebida assim em suas raízes mais autênticas e profundas, aparece com uma nova face para um mundo cheio de ódio contra ela, justamente por vê-la sempre jóvem e sempre pura, esmagando aquí e além tôdas as formas que o inferno criou para impedir-lhe chegar à plenitude de seu Espôso o Cristo.

Pe. Clérissac não publicou seu livro: — "O Mistério da Igreja". Deixou-o escrito em notas e estas teriam ficado no esquecimento se Jacques Maritain não as houvesse lido, admirado e publicado. E mais: honrou o livro com um "prefácio-biografia" que se torna indispensável para se conhecer um pouco da personalidade do autor. A obra, portanto, deixada apenas em notas, ficou inacabada. Não apresenta aspecto de tratado teológico. "Oferece-nos, antes, visões em série sôbre aspectos essenciais do Mistério da Igreja. Visões estas animadas ao mesmo tempo por uma paixão interior da verdade e do absoluto e por uma sensibilidade pura e bela aos grandes valores significativos do mistério cristão" (Prefácio de Yves M. J. Congar, à ed. brasileira, p. X).

A influência dêste livro se fêz sentir, principalmente, entre os homens do após-guerra de 1918, que por meio dêle, tiveram a noção do que é a essência do catolicismo. "O Mistério da Igreja" forma o esbôço de uma fenomenologia da consciência católica', diz Pie Duploye (cf. Dictionnaire de Spiritualité, II, P.I., c. 973).

A tradução brasileira representa um esfôrço no sentido de dar aos nossos leitores as riquezas dêste livro de leitura agradável e ao mesmo tempo formadora de uma mentalidade sadia em relação ao Mistério da Igreja. Mais que isso, representa uma espécie de público reconhecimento pelo que êsse pequenino grande livro representou no despertar da consciência católica nos jóvens de há trinta ou quarenta anos atraz no sentido de uma entusiástica e luminosa descoberta da sempre jovem e resplandescente face da Igreja de Cristo, face que as gerações precedentes desconheceram. O Pe. Congar em seu prefácio à edição brasileira falou e tantos outros intelectuais católicos, também em nosso meio, poderiam falar do influxo que o livro teve para lhes fazer desvendar um pouco da beleza incomparável da Espôsa que Cristo nos deixou como Mãe.

Muito da doutrina da Igreja foi posteriormente tratado e magistralmente desenvolvido pelo labor teológico dos últimos tempos; não importa que as páginas do Pe. Clérissac continuem a ter o original sabor que é bem acolhido pelas inteligências jovens à procura de algo de vivo e misterioso que lhes foi escondido pelas gerações precedentes.

A tradução é boa, fiel; entretanto, a maneira de fazer as citações não é uniforme, ora sendo elas abreviadas, ora extensas, os êrros de revisão são também freqüentes, principalmente nas citações latinas. A apresentação da obra é de sóbrio bom gôsto.

D.H.P.

Primeira vez publicado em língua vernácula:

DIURNAL MONÁSTICO

latim-português
HORAS DIURNAS DO BREVIÁRIO-BENEDITINO

Texto COMPLETO em latim-português, com sinais de pausa para recitação em côro, seja em latim, seja em vernáculo. Não é à semelhança de outros, um livro de oração ou devocionário baseado no ano litúrgico, com adaptações, e simplificações, mas é o OFÍCIO CANÔNICO INTEGRAL, com exceção apenas de Matinas, Hora noturna.

Como há CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS NÃO BENEDITINAS que desejam adotá-lo por ser um livro canônico, rezado por milhares de monges e monjas em todo o mundo, a título de informação, segue-se a estrutura do Ofício monástico:

LAUDES E VÉSPERAS — as mesmas antífonas e hinos (com diferença mínima) do Breviário Romano. Às Vesperas, porém, são ditos sòmente 4 salmos. As Orações são as mesmas.

PRIMA, TÉRCIA, SEXTA, NÔA — a mesma estrutura do Breviário Romano, com salmos mais curtos.

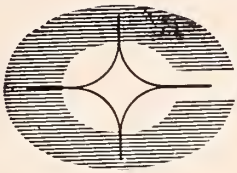
COMPLETAS, com os salmos 4, 90 e 133 para todos os dias da semana, sem variação.

Em formato de missal, encadernado em percalina, corte vermelho, num total de 1.100 páginas, impresso no Brasil em papel bíblia. Seu preço será de 2.500 cruzeiros, sujeito a uma possível (mas não provável) alteração.

Por ser obra de especial valor e reduzida tiragem, não será posta à venda em livrarias, uma vez que não poderão ser concedidos os descontos de praxe. As encomendas a serem remetidas pelo correio seguirão livres de porte.

EDIÇÕES "LUMEN CHRIST"
MOSTEIRO DE S. BENTO
CAIXA POSTAL, 2.666
RIO DE JANEIRO — GB

Só Climax facilita o seu confôrto!



CLIMAX
VITORIA - 9,5 pés

Super Luxo

Cr$ 62.750,

(PÔSTO S. PAULO)

- O melhor e mais moderno gabinete fabricado no País.
- O maior congelador existente, onde cabe um leitão ou um peru, inteiros (32.200 cm³)!
- Ampla gaveta plástica ("Quick Freezer") para o rápido congelamento de carnes e peixes.
- Possante e silencioso compressor P-91, econômico e de alto rendimento, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co. (U.S.A.).

ISNARD & CIA. S. A. — Com. e Ind.

Av. São João, 1.400 - São Paulo

FOR LIBRARY USE ONLY.

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9197

FOR LIBRARY USE ONLY